

Mobilidade, precariedade e desigualdade no futebol global

Carlos Nolasco

Universidade de Coimbra (Portugal), Centro de Estudos Sociais

Resumo

A migração internacional de trabalho desportivo constituiu um campo privilegiado de observação das desigualdades que estruturam a globalização contemporânea. Para além da imagem glamorosa dos atletas de elite que fluem mediaticamente, coexistem circuitos migratórios de atletas em situação de grande vulnerabilidade. A circulação profissional regulada e visível convive com trajetórias aspiracionais marcadas pela informalidade, vulnerabilidade jurídica e elevado risco de fracasso. Estas duas dimensões não são opostas, mas complementares: integram uma mesma dinâmica de mobilidade que proporciona oportunidades, direitos e riscos de forma assimétrica entre centros, periferias e semiperiferias. A partir da análise do futebol português e da mobilidade de jovens jogadores africanos, evidencia-se o papel estratégico de Portugal enquanto plataforma intermédia de valorização e redistribuição de atletas. O futebol revela, assim, dinâmicas contemporâneas de colonialidade, economia política global e profunda desigualdade entre indivíduos e países.

Palavras-chave: migrações de trabalho desportivo; futebol; governança desportiva; Portugal; globalização.

Abstract

International migration in sport is a key area for observing the inequalities that underpin contemporary globalisation. Beyond the glamorous image of elite athletes portrayed in the media, there are also migratory circuits involving athletes in situations of great vulnerability. Visible, regulated professional circulation coexists with informal, risky and legally vulnerable aspirational trajectories. These two dimensions are complementary, forming part of the same mobility dynamic that distributes opportunities, rights and risks unevenly between centres, peripheries and semi-peripheries. An analysis of Portuguese football and the mobility of young African players reveals Portugal's strategic

role as an intermediate platform for the valuation and redistribution of athletes. Football thus reveals the contemporary dynamics of coloniality, the global political economy, and the profound inequality between individuals and countries.

Keywords: sports labour migration; football; sports governance; Portugal; globalisation.

Introdução

As migrações internacionais configuram um dos fenómenos marcantes das sociedades contemporâneas, suscitando significativos desafios políticos e sociais, colocando às ciências sociais e humanas relevantes questões analíticas (Castles; Haas; Miller, 2014; Sassen, 1991). Neste contexto, o desporto e, de forma particularmente expressiva o futebol, integra plenamente essas dinâmicas, promovendo uma expressiva mobilidade transnacional de trabalho e, conseqüentemente, originando novas configurações competitivas, composições de equipas, lógicas de mercado, que requerem um novo olhar reflexivo. A liberalização do mercado de trabalho desportivo no espaço europeu, impulsionada por decisões jurídicas como o Caso Bosman, contribuiu para intensificar e institucionalizar os fluxos internacionais de atletas (Parrish, 2015). Paralelamente, a reorganização das competições em ligas altamente capitalizadas, como a inglesa Premier League ou a UEFA Champions League, reforçou a centralidade da Europa como destino privilegiado de jogadores oriundos de África, da América Latina e de outras regiões do Sul Global, configurando circuitos migratórios marcadamente seletivos (Poli; Ravenel; Besson, 2019). Ainda assim, a figura do atleta profissional tende a ser percebida como condição de exceção, um jogador estrangeiro altamente qualificado e privilegiado, frequentemente dissociado das categorias analíticas aplicadas a outros trabalhadores migrantes (Nolasco, 2013; Agergaard; Ryba, 2014).

Apesar da centralidade empírica e simbólica do desporto, as migrações que daí decorrem têm ocupado uma posição relativamente periférica

no campo acadêmico dos estudos migratórios (Magee; Sugden, 2002; Poli, 2010). Tal desfasamento revela-se especialmente paradoxal no futebol, tendo em consideração o impacto mediático da modalidade, a sua expressividade social e a sua condição de se constituir como um “lugar estratégico de investigação” (Merton, 1973, p. 372), funcionando como um laboratório privilegiado para observar processos mais amplos de mobilidade global, regulação, precarização laboral e tráfico de pessoas, entre outras dinâmicas estruturantes do mundo contemporâneo. Nesse sentido, a observação das migrações de futebolistas é reveladora de outras dinâmicas migratórias.

Tendo como fundamento trabalhos de investigação anteriormente realizados,¹ este texto parte da premissa de que as migrações de trabalho no futebol constituem fenómenos complexos e não lineares, moldados por múltiplas condições estruturais e circunstanciais, assumindo expressões diversas. Para tal, analisam-se duas formas diferenciadas de mobilidade migratória de jogadores de futebol. A primeira corresponde à migração profissional consagrada, caracterizada por trajetórias reguladas, contratos formais, reconhecimento institucional e plena inserção no mercado global do futebol, dimensão que domina as representações mediáticas e sustenta a narrativa meritocrática da modalidade. A segunda refere-se à migração aspiracional e informal, protagonizada sobretudo por jovens africanos que recorrem ao futebol como estratégia de saída de contextos de precariedade estrutural, frequentemente à margem dos enquadramentos legais e institucionais. Essas trajetórias distinguem-se pela invisibilidade, pela informalidade e por elevados riscos de fracasso. Ao propor a articulação dessas duas realidades, argumenta-se que a mobilidade profissional no futebol masculino e a vasta reserva de trabalho aspiracional não constituem fenómenos dissociados, mas dimensões complementares de um mesmo sistema

1 O primeiro desses trabalhos consistiu na investigação de doutoramento (Nolasco, 2013); o segundo resultou da participação de um projeto internacional sobre a chegada à Europa de jovens jogadores de futebol provenientes de países africanos (Oliveira; Nolasco, 2024).

económico e simbólico que produz e reproduz desigualdades na distribuição de oportunidades, direitos e riscos.

Pretende-se contribuir para uma compreensão mais abrangente das mobilidades contemporâneas, evidenciando como o futebol, longe de constituir um domínio autónomo, reproduz e intensifica as assimetrias que caracterizam o sistema migratório global. Portugal surge, neste quadro, como uma realidade relevante, enquanto país que desempenha um papel intermédio na receção, valorização e redistribuição de jogadores migrantes. A sua dependência económica das transferências internacionais, aliada a laços históricos, linguísticos e pós-coloniais, tornam Portugal num espaço-chave para a compreensão de como as semiperiferias participam ativamente na reprodução das desigualdades globais.

O texto que se segue estrutura-se em quatro momentos. Inicialmente, apresenta-se o enquadramento teórico, situando as migrações no futebol no debate mais amplo sobre economia política global, colonialidade e regimes desiguais de mobilidade. Em seguida, explicita-se a fundamentação conceptual da análise, ancorada em investigação empírica prévia que sustenta a problematização desenvolvida. A terceira parte divide-se em dois eixos analíticos: por um lado, a mobilidade no futebol português, destacando o papel semiperiférico de Portugal como plataforma de circulação e valorização de talento; por outro, a migração de jovens futebolistas africanos, evidenciando dinâmicas de esperança, informalidade e vulnerabilidade. Por fim, as considerações finais articulam estas dimensões como expressões complementares de um mesmo sistema que produz e reproduz desigualdades globais.

Dinâmicas e tendências das migrações de trabalho desportivo

As narrativas heroicas que celebram feitos memoráveis no futebol tendem a ocultar a existência de outras histórias da modalidade, feitas das migrações de jogadores e dos seus percursos entre diferentes países e contextos

futebolísticos. Esta dimensão, quase nunca tida em consideração, é igualmente relevante para compreender a forma como o futebol foi acontecendo à escala global. Tal mobilidade migratória de trabalho futebolístico não é um fenómeno exclusivo do futebol ou do desporto, mas a expressão de uma dinâmica transversal a toda a humanidade. Desde o século XIX, milhões de pessoas migraram em busca de melhores condições de vida, num processo em que praticamente todos os países foram envolvidos, ou como países de origem ou de destino, alterando significativamente a composição da população mundial. No desporto sucederam processos idênticos, inicialmente por meio da mobilidade cosmopolita de alguns indivíduos que contribuíram para a dispersão do jogo no mundo e, depois, pela migração internacional de atletas em resposta a exigências competitivas, numa dinâmica que se intensificou e complexificou à escala global nas últimas décadas (Maguire; Falcous, 2011, p. 2).

As primeiras referências não acidentais à mobilidade de atletas e à sua interpretação como movimentos migratórios foram realizadas nos anos de 1970, no âmbito da geografia, inicialmente pelo americano John Rooney e depois pelo britânico John Bale. Só nos anos 1990 é que uma obra organizada por John Bale e Joseph Maguire (1994), *The Global Sports Arena: athletic talent migration in an interdependent world*, se estabelece como a referência no estudo das migrações de trabalho desportivo ao reunir diversas perspetivas disciplinares e de diferentes países, que afirmam o fenómeno como um segmento intrínseco às migrações contemporâneas e à globalização. Segundo os autores, a mobilidade laboral de atletas não é um fenómeno autónomo, mas sim um reflexo das dinâmicas sociais e geográficas das sociedades industriais modernas, sendo profundamente condicionada pela mercadorização do desporto, pela standardização de regras e pela emergência de um sistema desportivo global (Bale; Maguire, 1994, p. 5). Esta circulação migratória ocorre em paralelo com outros fluxos, nomeadamente tecnológicos, económicos e ideológicos, alinhando-se com as “paisagens globais” propostas por Appadurai (1990) e refletindo as tendências de globalização dominantes nos anos 1990, que sugerem uma

normalização de processos através de molduras teóricas como a teoria da dependência ou o sistema-mundo de Wallerstein (2004). Posteriormente, Maguire *et al.* (2002, p. 4) reforçaram esta visão ao descreverem a “arena desportiva global” como um campo competitivo marcado por relações de poder, onde a circulação de diversos atores, desde atletas a agentes, manifesta-se em cinco dimensões fundamentais (migratória, económica, tecnológica, comunicacional e ideológica), consolidando a ideia de que o desporto é um elemento indissociável das paisagens globais de circulação de pessoas, bens e ideais liberais.

Trinta e dois anos passados desde a publicação de *The Global Sports Arena*, constata-se que a produção académica sobre a migração de atletas diversificou as abordagens conceptuais. As abordagens iniciais enfatizaram explicações económicas de tipo *push-pull*, segundo as quais atletas migram motivados por diferenciais salariais, qualidade de infraestruturas, visibilidade mediática e possibilidades de progressão profissional (Magee; Sugden, 2002). Contudo, a literatura rapidamente problematizou esta leitura funcionalista ao demonstrar que tais decisões individuais estão inseridas em estruturas históricas e geopolíticas desiguais. Desde logo, assumiu-se que os fluxos de atletas migrantes não ocorre como consequência das forças da globalização. Essas migrações, longe de serem determinadas por uma globalização sem fronteiras, são consequência de relações entre Estados, relações históricas, culturais, políticas, económicas e jurídicas que obrigam a uma interpretação relacional entre espaços de origem e de destino (Poli, 2010).

A investigação passou a assumir como dimensão analítica as desigualdades entre países, realçando mecanismos políticos e económicos de dominação. O facto de muitos trabalhos dedicarem particular atenção aos fluxos migratórios Sul/Norte, com origem em África ou na América Latina e destino na Europa ou na América do Norte (Darby, 2000; Darby; Akindes; Kirwin, 2007; Poli; Besson, 2011), motivou interpretações de pendor crítico/marxista, em que esses fluxos são vistos como formas de exploração do Sul pelo Norte global. Raffaele Poli (2010), ao analisar o futebol profissional

européu, propôs a noção de uma “nova divisão internacional do trabalho desportivo”, caracterizada pela centralidade dos campeonatos europeus e pela periferização de mercados exportadores de talento. Nesta perspetiva, os fluxos migratórios resultam da articulação entre clubes centrais, agentes intermediários e mercados formadores situados em contextos economicamente subordinados. Neste âmbito, emergiram interpretações com base na teoria do sistema-mundo e do desenho conceptual de Immanuel Wallerstein (2004). Em muitos desportos, a observação das migrações de atletas tem o sentido periferia/centro, ou seja, das zonas mais carenciadas para as mais desenvolvidas. Carmen Rial (2008, p. 47), a propósito das migrações de futebolistas brasileiros, diz que mesmo quando o movimento os leva para uma cidade vizinha maior, ou para outro Estado, seguem uma orientação no sentido da periferia para o centro.

Contributos oriundos do Sul Global aprofundaram esta dimensão crítica e descentralizaram o debate. Paul Darby, em colaboração com Gildas Akindes e Matthew Kirwin (2007), mostrou como as academias de futebol na África Ocidental se inserem em redes transnacionais que combinam promessa de mobilidade social com precariedade contratual e assimetrias informacionais. Chuka Onwumechili (2017) reforçou esta leitura ao evidenciar como os circuitos mediáticos e empresariais moldam a representação e a circulação do jogador africano, muitas vezes reduzido a ativo económico. Estes contributos do Sul Global ampliam o campo ao revelar que a divisão internacional do trabalho desportivo encontra paralelos nas desigualdades regionais internas e nas dinâmicas históricas de dependência económica. Estudos como os de Carmem Rial (2008) mostram que a circulação internacional de futebolistas brasileiros integra uma economia moral do “rodar”, na qual a mobilidade constante é simultaneamente estratégia de ascensão social e mecanismo de precarização laboral.

Assumindo a complexidade desta mobilidade, migração de atletas não deve ser entendida apenas por meio de determinismos macroeconómicos ou da teoria do sistema-mundo, pois cada fluxo possui especificidades que transcendem as leis de oferta e procura (Meyer, 2001; Maguire, 2004).

As relações entre centro e periferia são dinâmicas e influenciadas por variáveis históricas, políticas e culturais, resultando num processo seletivo no qual os clubes europeus recrutam jogadores com base em afinidades específicas (Poli, 2010). Este fenómeno é visível nas preferências dos clubes ingleses por atletas de outras nações do Reino Unido e de países vizinhos do Norte Europeu, na inclinação alemã para a Europa de Leste, na matriz africana do recrutamento francês, na predominância de sul-americanos nos campeonatos espanhol e italiano, bem como jogadores brasileiros em Portugal (Poli; Besson, 2011; Nolasco, 2013). Estes fluxos tendenciais revelam a manutenção de vínculos que determinam a circulação do trabalho desportivo em nível global (Maguire; Stead, 1998). Já a seletividade migratória reflete a “colonialidade global” (Grosfoguel, 2008), evidente na forma como as instituições que gerem o desporto mundial promovem o recrutamento de talentos das periferias e semiperiferias, as quais investem recursos na formação de atletas que acabam por ser atraídos para os centros económicos e desportivos (Magee; Sugden, 2002; Connor; Griffin, 2009). Esta dinâmica é interpretada como um neocolonialismo simbólico que se traduz numa fuga de recursos humanos, um “*muscle drain*” (Andreff, 2009) ou “fuga de pés” (Rial, 2006).

Darby, Esson e Ungruhe (2022) apresentam uma análise crítica incisiva sobre a forma como o mercado global do futebol permanece organizado a partir de desigualdades históricas, heranças coloniais e marcadas assimetrias de poder. O mérito central da sua contribuição não se limita à exposição dessas disparidades, mas reside sobretudo na construção de um enquadramento analítico consistente, que articula teoria crítica, evidência empírica e uma apurada atenção às dimensões epistemológicas. Nesse contexto, a mobilidade desportiva é compreendida como um espaço de disputas materiais e simbólicas, configurando-se como um campo privilegiado para interpretar as dinâmicas mais amplas do capitalismo global contemporâneo. Os autores evidenciam que muitos jovens atletas africanos vivem situações de insucesso migratório, sendo abandonados por agentes ou compelidos a sobreviver em condições de informalidade e clandestinidade,

permanecendo num verdadeiro limbo jurídico e social. Essa abordagem questiona as narrativas hegemônicas de sucesso desportivo e problematiza a racionalidade neoliberal que apresenta o desporto como via quase automática de ascensão social. Observando a mobilidade de jogadores africanos para a Europa, e partindo do conceito de mobilidade diferencial de Mimi Sheller e John Urry (2006), os autores demonstram que a circulação de jogadores africanos está longe de ser livre ou equitativa. Ao contrário, trata-se de uma mobilidade seletiva e frequentemente precária, profundamente condicionada por fatores estruturais, como as redes de intermediários, as políticas migratórias, a regulamentação desportiva e a atuação de academias e clubes. Por fim, destaca-se a incorporação das dimensões emocionais e subjetivas na análise da migração desportiva. Recorrendo ao conceito de “trabalho aspiracional”, Katleen Kuehn e Thomas Corrigan (2013) mostram como os jovens africanos, as suas famílias e comunidades, investem afetivamente num futuro incerto, alimentado por representações midiáticas e promessas de êxito. A esperança surge, assim, simultaneamente como força mobilizadora e como mecanismo de captura subjetiva, mantendo os migrantes vinculados a uma estrutura global de exploração mesmo perante a evidência da experiência do fracasso. Sine Agergaard (2008; 2018) amplia esta perspectiva argumentando que os atletas mantêm vínculos multilocais que desafiam concepções lineares de integração. Pesquisas em psicologia cultural do desporto (Ryba *et al.*, 2016; Schinke *et al.*, 2021) acrescentam que o bem-estar, o suporte social e a competência intercultural são dimensões cruciais para compreender o sucesso ou o fracasso das trajetórias migratórias.

Em síntese, o quadro teórico contemporâneo sobre migrações de trabalho desportivo aponta para uma abordagem multinível e relacional. A mobilidade atlética deve ser compreendida simultaneamente como expressão de uma economia política global marcada por desigualdades históricas, como processo regulado por dispositivos institucionais transnacionais e como experiência biográfica situada.

Fundamentação conceptual da análise

A análise crítica realizada neste texto fundamenta-se em dois trabalhos de investigação anteriormente realizados pelo autor. Esses trabalhos permitiram delimitar o objeto de análise, como também aprofundar o enquadramento conceptual e identificar problemáticas centrais que aqui são consideradas e refletidas. Por meio da revisão sistemática da literatura, da recolha e interpretação de dados e da discussão dos resultados então obtidos, foi possível construir um corpo de conhecimento consistente que sustenta a argumentação aqui apresentada.

Assim, esta reflexão não se configura como um exercício isolado ou meramente opinativo, mas como o resultado de um percurso investigativo estruturado, fundamentado em evidências e em diálogo crítico, com contributos teóricos relevantes. Ao integrar e reinterpretar as conclusões anteriormente alcançadas, este texto procura não apenas consolidar conhecimento, mas também aprofundar a compreensão das migrações de trabalho desportivo, oferecendo uma análise crítica rigorosa e devidamente sustentada.

Sobre os trabalhos referidos, o primeiro, realizado em 2013, consistiu na tese de doutoramento intitulada “Fintar fronteiras. Migrações internacionais no futebol português” (Nolasco, 2013), onde se argumenta que o futebol profissional, enquanto atividade laboral, suscita migrações internacionais de trabalho desportivo que, apesar da sua especificidade, se inserem na dinâmica da “idade das migrações”. Por meio do trabalho empírico constatou-se que as migrações do futebol português inserem-se nas dinâmicas migratórias da arena desportiva global, com a particularidade de serem em simultâneo movimentos de entrada e de saída de jogadores, e os clubes portugueses serem espaços de origem e de destino de fluxos migratórios. Estes movimentos seguem duas tendências: por um lado, as características do mercado de trabalho futebolístico, que funcionam simultaneamente como fator de atração e repulsão de jogadores; por outro,

afinidades históricas e sociais, que inserem as migrações de jogadores no amplo sistema migratório lusófono.

O segundo trabalho resulta da participação num projeto internacional sobre a chegada e integração de jogadores africanos à Europa, *Social Integration of African Athletes in Europe (Sinafe)*.² Este projeto teve como pressuposto o desporto como um direito humano, visando promover a inclusão social e apoiar a igualdade de oportunidades no futebol para todas as pessoas, em especial os jovens jogadores africanos. No caso português, entre outras dimensões, analisou-se o processo migratório de jovens jogadores da Guiné-Bissau para Portugal, nomeadamente as suas motivações, as redes de mobilidade e inserção, as circunstâncias, as limitações e os desafios dessa mobilidade (Oliveira; Nolasco, 2024).

É com base nas evidências, nos conceitos e nos resultados apresentados em ambos os estudos que se problematizam as diferentes dinâmicas das migrações no trabalho desportivo, permitindo uma leitura comparativa e aprofundada das suas múltiplas dimensões.

Mobilidade no futebol português

De acordo com o primeiro desses trabalhos de Carlos Nolasco (2013; 2018), a migração de jogadores no futebol português revela um cenário de intensa mobilidade, moldado pelos processos de globalização e pela transformação dos clubes em entidades orientadas para o lucro. No contexto da indústria do futebol, os atletas tornaram-se ativos escassos e intensamente procurados, gerando fluxos migratórios que refletem as dinâmicas da economia global. Em Portugal, este fenómeno não sendo novo, intensificou-se drasticamente: desde a época de 2006–2007, com o número de jogadores estrangeiros na Primeira Liga Nacional a ultrapassar o de portugueses, tornando o futebol uma das atividades económicas com maior emprego de mão de obra imigrante no país.

2 Website do Projeto Sinafe: <https://migrantathlete.com/>.

A análise empírica incidiu sobre cinco épocas desportivas (2007-2008 a 2011-2012). Do total de 1.150 jogadores em análise, os dados demonstram que a mobilidade é a característica dominante da profissão: 75,3% desses jogadores possuía experiência migratória na carreira. Entre os estrangeiros (667 atletas), a concentração geográfica era evidente, com 66,3% provenientes da América do Sul, 15,7% de África e 14,9% da Europa. O Brasil destacava-se como o principal fornecedor de jogadores, representando 55,1% dos imigrantes, o que fazia e faz da rota Brasil-Portugal a maior das rotas migratórias de trabalho desportivo no mundo. Esta predominância é sustentada por um intenso lastro de afinidades linguísticas, culturais e pela existência de tratados de cooperação entre os dois países que facilitam processos de regularização dos imigrantes.

A tendência central identificada é a do funcionamento do futebol português como uma plataforma giratória de talentos. O mercado nacional especializou-se na importação de “matéria-prima” bruta de periferias desportivas (América do Sul e África) para a sua reexportação aos grandes centros do futebol europeu. A elevada rotatividade de jogadores é, portanto, uma componente estrutural deste modelo de negócio, no qual Portugal atua como um *hub* que recebe e redistribui mão de obra qualificada.

Esta dinâmica estratégica sintetiza a posição de Portugal no sistema-mundo do futebol como uma existência semiperiférica. O país posiciona-se como um centro face às periferias que recruta, mas assume um papel periférico em relação às ligas mais ricas, para onde exporta os seus melhores ativos. Observa-se uma simetria de fluxos: Portugal importa imigrantes para os mesmos segmentos laborais onde os seus próprios nacionais se inserem quando emigram, numa dinâmica que espelha as tendências migratórias da economia geral portuguesa.

Em última análise, a paisagem do futebol nacional é descrita como uma Legião Estrangeira em movimento contínuo. A especialização de Portugal na transformação de talento desportivo tira partido de vantagens comparativas, nomeadamente as ligações históricas com o Brasil, para garantir a sobrevivência e a competitividade dos clubes num mercado

globalizado e neoliberal. O sucesso deste modelo depende da porosidade das fronteiras e da capacidade de gerir fluxos incessantes de entradas e saídas, consolidando o papel de Portugal como um intermediário vital na circulação mundial de jogadores. Apesar de ter sido realizado há mais de 10 anos, o trabalho referido mantém plena atualidade. As análises e reflexões apresentadas conservam a sua pertinência, sem que surjam variações significativas que alterem a interpretação dos resultados, consolidando uma base sólida para futuras investigações na área.

A migração de jovens futebolistas africanos, entre o sonho e a vulnerabilidade

O trabalho com jovens jogadores guineenses imigrados em Portugal, realizado no âmbito do Projeto Sinafe, detalhado em publicação posterior (Oliveira; Nolasco, 2024), revela que os processos migratórios de jovens futebolistas oriundos de países africanos devem ser compreendidos de forma integrada, ultrapassando a leitura redutora que descreve esses processos como mero projeto desportivo. Com efeito, a migração destes atletas configura, sobretudo, um projeto de vida, no qual se articulam expectativas individuais, estratégias familiares, constrangimentos estruturais e dinâmicas económicas globais. A decisão de partir é tomada isoladamente, inscrevendo-se num contexto social, económico e cultural que a condiciona e a legitima.

No futebol, tal como na sociedade em geral, na Guiné-Bissau, verifica-se uma enorme fragilidade organizacional manifesta na debilidade das entidades clubistas e federativas, na fragilidade das infraestruturas, na precaridade dos vínculos contratuais e na inexistência de processos formais de recrutamento de atletas. Esta ausência de enquadramento institucional consistente traduz-se numa integração precária dos jogadores, tanto no país de origem quanto nos de destino, expondo-os a trajetórias marcadas pela informalidade e pela instabilidade. As condições sociais de partida são, frequentemente, caracterizadas por precariedade extrema. Muitos

destes jovens crescem em contextos de pobreza estrutural, com acesso limitado a educação, saúde e oportunidades de emprego. As suas vivências quotidianas funcionam como fator de pressão para a mobilidade, sendo o futebol percecionado como via privilegiada de emancipação das condições de pobreza em que esses jovens se encontram. A exposição mediática de jogadores africanos que alcançaram sucesso internacional alimenta imaginários de fama, reconhecimento e riqueza, reforçando a ideia de que o desporto pode constituir uma alternativa viável à exclusão socioeconómica. Neste quadro, a carreira futebolística surge como mais glamorosa, financeiramente mais atrativa e socialmente mais reconhecida, tornando-se, assim, uma escolha sedutora num contexto de escassez de oportunidades.

Neste contexto, o papel da família revela-se central e incontornável. Longe de constituir um obstáculo à saída, a família tende a assumi-la como estratégia de sobrevivência e de mobilidade social. Tratam-se, em muitos casos, de famílias com baixos recursos económicos e reduzido capital cultural, que veem na migração do jovem uma potencial fonte de rendimento futuro, seja por via da atividade futebolística, seja por via de outra atividade laboral – se o projeto desportivo não tiver sucesso. O desejo do jogador de melhorar as condições de vida dos seus familiares reforça este entendimento, consolidando um verdadeiro “triângulo de decisão”, no qual interagem jogador, família e agente. O jogador projeta-se para além das fronteiras nacionais movido pelo sonho de experimentar outras realidades e de alcançar reconhecimento profissional. A família, por seu turno, alimenta a esperança de que o sucesso desportivo do jovem possa significar a superação da miséria em que frequentemente se encontra. Nesse processo, a família não apenas legitima a decisão, como negocia os termos da saída, financia a viagem e os custos associados, e procura assegurar-se de que o agente garantirá proteção e acompanhamento. A despesa inicial, frequentemente significativa, é encarada como investimento estratégico no filho e, por extensão, na família alargada, cuja lógica de solidariedade ultrapassa o núcleo doméstico restrito. Importa ainda sublinhar a dimensão transnacional destas dinâmicas familiares. A existência de parentes já inseridos

em sistemas migratórios no país de destino pode funcionar como rede de apoio e segurança, facilitando a integração inicial. Assim, articulam-se laços entre a família no país de origem e a família no país de acolhimento, reforçando a densidade das redes migratórias.

O terceiro vértice deste triângulo é ocupado pelos agentes ou *managers*, que promovem e organizam a saída dos jogadores. Estes atores, que são autênticos agentes de emigração, tendem a auferir benefícios económicos imediatos, sendo frequentemente comissionados pelas famílias logo no início do processo. Para além disso, recebem montantes destinados a custear viagens, registos e demais procedimentos. Em muitos casos, encaram o jogador como mercadoria transacionável num mercado desportivo globalizado. Embora se comprometam a protegê-lo e a acompanhá-lo, numa relação que assume contornos tutelares, estabelece-se frequentemente uma relação de dependência que, não raras vezes, culmina no abandono do atleta quando este não corresponde às expectativas de valorização económica.

As motivações para emigrar são, portanto, múltiplas e interligadas: o desejo de ajudar economicamente a família; a influência e o incentivo de familiares e amigos; a falta de condições estruturais no país de origem, tanto no plano desportivo quanto no socioeconómico; a sedução simbólica da Europa e dos seus clubes; e a expectativa de rendimentos significativamente superiores. Em Portugal, país de destino, clubes como o Benfica, o Sporting e o Porto constituem referências nos imaginários de muitos jovens africanos, em parte sustentadas por uma memória histórica marcada pelo colonialismo e pelas relações privilegiadas estabelecidas ao longo do tempo. A promessa de apresentação a estes clubes e, eventualmente, de transferência para outras ligas europeias, constrói um universo simbólico de grandiosidade que reforça a decisão de partir. Todavia, a dimensão legal do processo revela-se profundamente problemática. Frequentemente, nada é formalizado de modo transparente e conforme à lei, existindo apenas acordos tácitos entre as partes. Muitos jogadores entram em Portugal com visto de turismo ou com uma suposta oferta de trabalho noutro setor, encontrando-se

numa situação de legalidade apenas aparente. Rapidamente, porém, ficam em situação de irregularidade por ausência de autorização de residência, o que os impede de celebrar contratos de trabalho ou de aceder a serviços essenciais, gerando um ciclo vicioso de exclusão. Paralelamente, verifica-se uma segunda dimensão de ilegalidade, desta feita no plano desportivo. A ausência de cumprimento dos regulamentos das instâncias internacionais e nacionais que tutelam o futebol, como a FIFA, a UEFA e a Federação Portuguesa de Futebol, traduz-se na inexistência de certificado internacional de transferência e no não registo formal da saída do atleta do país de origem. Consequentemente, o jogador não pode ser inscrito em competições oficiais, permanecendo à margem do sistema formal.

O resultado deste conjunto de fatores é a colocação do jovem numa posição de extrema vulnerabilidade. Sem enquadramento legal, sem contrato desportivo e, muitas vezes, abandonado pelo agente que anteriormente assumira compromisso de proteção, o jogador confronta-se com um dilema difícil de resolver. Caso não consiga integrar-se no futebol, é frequentemente pressionado pela própria família, que inicialmente fomentou o sonho, a procurar trabalho em setores como a construção civil ou a agricultura. Contudo, ao enveredar por essas atividades, reduz significativamente as suas possibilidades de manter o nível competitivo necessário para uma eventual oportunidade no desporto. Assim, entre a necessidade imediata de garantir a sobrevivência própria e familiar e a persistência do sonho de uma carreira futebolística, o jovem migrante vive uma tensão permanente. O projeto desportivo transforma-se, não raras vezes, num percurso marcado pela precariedade, pela informalidade e pela dependência, revelando que os processos migratórios destes atletas não podem ser analisados de forma isolada, mas antes como expressão complexa de desigualdades estruturais, estratégias familiares e dinâmicas globais do mercado do futebol.

Em síntese, a migração destes jovens futebolistas revela-se como um projeto coletivo de sobrevivência e mobilidade social, em que o sonho desportivo se entrelaça com expectativas familiares, fragilidades estruturais e

assimetrias globais. Contudo, quando as promessas não se concretizam, o que emerge não é apenas o fracasso de uma carreira, mas a exposição frustrante de trajetórias marcadas pela vulnerabilidade, pela informalidade e pela reprodução das desigualdades que inicialmente se pretendia superar.

Considerações finais

As migrações de trabalho desportivo, em particular as migrações no futebol, revelam-se uma dimensão privilegiada para observar as dinâmicas estruturais do fenómeno desporto e, de forma ampla, da globalização contemporânea. Como sugerido pela literatura sobre migrações internacionais, os fluxos não decorrem num espaço vazio de ações e intenções, nem decorrem de uma abstração chamada mercado global, mas são determinadas por relações históricas e geopolíticas concretas que articulam Estados, instituições e atores económicos em posições desiguais (Castles; Haas; Miller, 2014). No futebol, essas desigualdades materializam-se numa divisão internacional do trabalho desportivo que concentra capital, visibilidade e poder regulatório nos campeonatos centrais europeus, as designadas “*big five leagues*”, ao mesmo tempo que transforma periferias e semi-periferias em espaços de extração e circulação de talento, em contexto de profundas relações de proximidade entre países (Poli, 2010).

A distinção entre mobilidade profissional consagrada e mobilidade aspiracional precária, ilustradas neste texto, evidencia duas faces de um mesmo processo. A primeira corresponde à circulação regulada de atletas plenamente integrados na “arena desportiva global” descrita por Bale e Maguire (1994), cuja mobilidade encontra-se juridicamente enquadrada e economicamente valorizada. A segunda inscreve-se num regime de mobilidade diferencial (Schiller; Salazar, 2013), no qual a circulação é seletiva, condicional e frequentemente precária. A promessa de ascensão social por meio do futebol funciona como dispositivo ideológico que legitima a exposição ao risco, deslocando para o indivíduo a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso. O conceito de “trabalho aspiracional” (Kuehn; Corrigan, 2013)

ajuda a compreender como a esperança se converte num recurso económico e mecanismo de recrutamento subjetivo, capturando num compromisso os jovens jogadores e as suas famílias em projetos de grande incerteza.

A posição de Portugal num pretenso sistema-mundo futebolístico ilustra de forma particularmente expressiva estas dinâmicas. À luz da análise do sistema-mundo de Wallerstein (2004), Portugal ocupa uma posição semiperiférica, sendo que no âmbito do futebol esse lugar permite mediar fluxos entre periferias exportadoras de talento e centros acumuladores de capital. Esta função, metaforicamente concebida como plataforma giratória, que é comum a outras migrações laborais (Baganha, 2001) confirma a existência de circuitos migratórios estruturados por afinidades históricas e culturais, que reproduzem padrões de colonialidade do poder (Grosfoguel, 2008). A ilustrar esta circunstância, a forte presença de jogadores brasileiros e africanos no futebol português não é mero acaso cultural, mas a consequência de laços históricos e de uma economia política que transforma essas conexões em vantagens comparativas num mercado global competitivo (Nolasco, 2013). Portugal constitui-se, assim, como ator importante na reprodução das hierarquias globais do futebol, beneficiando-se da importação de talento futebolístico a baixo custo e das suas posteriores valorização e exportação.

A análise das trajetórias de jovens futebolistas africanos evidencia, por sua vez, o lado menos visível deste sistema. Em consonância com os estudos de Darby, Akindes e Kirwin (2007) e de Darby, Esson e Ungruhe (2022), observa-se que muitos destes percursos sucedem num espaço de ambiguidade legal e institucional, onde a fragilidade contratual, a intermediação informal e a ausência de proteção efetiva produzem situações de enorme vulnerabilidade. A expressão do fracasso migratório enquanto futebolista não representa uma anomalia, mas constitui uma componente estrutural de um modelo que depende da produção contínua de candidatos ao sucesso. A ideia de “fuga de pés” ou *muscle drain* (Rial, 2006; Andreff, 2009) não traduz apenas perda de recursos humanos nas periferias, mas também a consolidação de um sistema que externaliza riscos e concentra

benefícios. Neste âmbito de migrações futebolísticas, o sucesso do processo migratório não está exclusivamente na componente do sucesso desportivo, mas essencialmente no êxito da mobilidade para o exterior do país de origem, com a consequente emancipação ou fuga das precárias condições de vida desses espaços.

O futebol confirma, deste modo, que a globalização não implica mobilidade universal, mas mobilidade hierarquizada. As fronteiras não desaparecem; tornam-se seletivas, permitindo a circulação de determinados corpos e restringindo outros, conforme a sua utilidade económica. A mercadorização do talento desportivo, articulada com dispositivos jurídicos e redes transnacionais de intermediação, inscreve-se nas mesmas lógicas que estruturam outros mercados de trabalho flexibilizados e precarizados (Mezzadra; Neilson, 2013). O campo desportivo não escapa às dinâmicas do capitalismo contemporâneo, pelo contrário, torna-as particularmente visíveis, ao articular espetáculo, nacionalismo simbólico e circulação transnacional de trabalho. A coexistência entre trajetórias de consagração e percursos de vulnerabilidade não constitui paradoxo, mas ilustra a engrenagem central de um sistema que necessita tanto do sucesso exemplar quanto do fracasso invisível. Ao abordar esta articulação, este texto pode contribuir para deslocar o olhar do mito meritocrático para as estruturas que produzem e reproduzem desigualdades na circulação global de trabalho desportivo, afirmando que a mobilidade no futebol deve ser compreendida como regime desigual que articula economia política, heranças coloniais e dispositivos regulatórios transnacionais.

Referências bibliográficas

AGERGAARD, Sine. Elite Athletes as Migrants in Danish Women's Handball. *International Review for the Sociology of Sport*, v. 43, n. 1, p. 5-19, 2008.

AGERGAARD, Sine. *Rethinking sports and integration: Developing a transnational perspective on migrants and descendants in sport*. London: Routledge, 2018.

AGERGAARD, Sine; RYBA, Tatiana V. Migration and career transitions in professional sports: Transnational athletic careers in a psychological and sociological perspective. *Sociology of Sport Journal*, v. 31, n. 2, p. 228-247, 2014.

ANDREFF, While. Globalization of the sports economy. *Rivista di Diritto ed Economia dello Sport*, v. 5, n. 1, p. 13-32, 2009.

APPADURAI, Arjun. Disjuncture and difference in the global cultural economy. In: FEATHERSTONE, Mike (ed.). *Global culture*. London: Sage, 1990. p. 295-310.

BAGANHA, Maria Ioannis. A cada Sul o seu Norte: dinâmicas migratórias em Portugal. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (ed.). *Globalização, fatalidade ou utopia?*. Porto: Edições Afrontamento, 2001. p. 135-159.

BALE, John; MAGUIRE, Joseph (eds.). *The global sports arena: Athletic talent migration in an interdependent world*. London: Routledge, 1994.

CASTLES, Stephen; HAAS, Hein de; MILLER, Mark. *The age of migration: International population movements in the modern world*. New York: Palgrave Macmillan, 2014.

CONNOR, James; GRIFFIN, Amy. The muscle trade: international track and field athlete mobility, colonialism and development. In: *The Future of Sociology*, presented at The Australian Sociological Association (TASA) Annual Conference, Canberra, Australia, 1-4 dec., 2009.

DARBY, Paul. Africa's place in FIFA's global order: a theoretical frame. *Soccer & Society*, v. 1, n. 2, p. 36-61, 2000.

DARBY, Paul; ESSON, James; UNGRUHE, Christian. *African football migration*. Manchester: Manchester University Press, 2022.

DARBY, Paul; AKINDES, Gerard; KIRWIN, Matthew. Football academies and the migration of African football labor to Europe. *Journal of Sport & Social Issues*, v. 31, n. 2, p. 143-161, 2007.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 80, p. 115-147, 2008.

KUEHN, Kathleen; CORRIGAN, Thomas. Hope labor. *Journal of Communication Inquiry. The Political Economy of Communication*, v. 37, n. 1, p. 9-25, 2013.

MAGEE, Jonathan; SUGDEN, John. The world at their feet: Professional football and international labor migration. *Journal of Sport & Social Issues*, v. 26, n. 4, p. 421-437, 2002.

MAGUIRE, Joseph; STEAD, David. Border crossings: soccer labour migration and the European Union. *International Review for the Sociology of Sports*, v. 33, n. 1, p. 59-73, 1998.

MAGUIRE, Joseph *et al.* *Sport Worlds: A Sociological Perspective*. Champaign: Human Kinetics, 2002.

MAGUIRE, Joseph; FALCOUS, Mark. Introduction. Borders, boundaries and crossings: sport, migration and identities. In: MAGUIRE, Joseph; FALCOUS, Mark (eds.). *Sport and migration: Borders, boundaries and crossings*. London: Routledge, 2011. p. 1-12.

MERTON, Robert K. *The Sociology of Science: Theoretical and Empirical Investigations*. Chicago: University of Chicago Press, 1973.

MEYER, Jean-Baptiste. Network approach versus brain drain: lessons from the diaspora. *International Migration*, v. 39, n. 5, p. 91-110, 2001.

MEZZADRA, Sandro; NEILSON, Brett. *Border as method, or, the Multiplication of Labor*. Durham: Duke University Press, 2013.

NOLASCO, Carlos. *Fintar fronteiras: migrações internacionais no futebol português*. Tese de Doutorado (Sociologia), Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Portugal, 2013.

NOLASCO, Carlos. Player migration in Portuguese football: a game of exits and entrances. *Soccer & Society*, v. 20, n. 6, p. 795-809, 2018. Available at: <https://doi.org/10.1080/14660970.2017.1419470>. Accessed on: 15 apr. 2026.

OLIVEIRA, Nuno; NOLASCO, Carlos. Navigating between mobility and immobility: precarious sporting trajectories of young Guinea-Bissauan footballers in Portugal. *Sport in Society*, v. 28, n. 9, p. 1284-1289, 2024. Available at: <https://doi.org/10.1080/17430437.2024.2424554>. Accessed on: 15 apr. 2026.

ONWUMECHILI, Chuka. *Sport Communication: An International Approach*. London: Routledge, 2017.

PARRISH, Richar. *Sports law and policy in the European Union*. Manchester: Manchester University Press, 2015.

POLI, Raffaele. Understanding globalization through football. The new international division of labour, migratory channels and transnational trade circuits. *International Review for the Sociology of Sport*, v. 45, n. 4, p. 491–506, 2010.

POLI, Raffaele; BESSON, Roger. From the south to Europe: a comparative analysis of African and Latin American football migration. In: MAGUIRE, Joseph; FALCOUS, Mark (eds.). *Sport and migration: Borders, boundaries and crossings*. London: Routledge, 2011. p. 15–30.

POLI, Raffaele; RAVENEL, Luc; BESSON, Roger. World football expatriates: global study 2019. *CIES Football Observatory*, n. 45, 2019.

QUIJANO, Anibal. Coloniality of Power, Eurocentrism and Latin America. *Nepantla: Views from South*, v. 1, n. 3, p. 533–580, 2000.

RIAL, Carmen. Jogadores brasileiros na Espanha: emigrantes, porém... *Antropologia em Primeira Mão*, n. 87, p. 163–190, 2006. RIAL, Carmen. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. *Horizontes Antropológicos*, v. 14, n. 30, p. 21–65, 2008.

RYBA, Tatiana; STAMBULOVA, Natalia; RONKAINEN, Noora. The work of cultural transition: An emerging model. *Frontiers in Psychology*, v. 7, p. 33–54, 2016.

SASSEN, Saskia. *The global city*: New York, London, Tokyo. Princeton: Princeton University Press, 1991.

SCHILLER, Nina Glick; SALAZAR, Noel B. Regimes of mobility across the globe. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, v. 39, n. 2, p. 183–200, 2013.

SCHINKE, Robert *et al.* International society of sport psychology position stand: mental health through occupational health and safety in high performance sport. *Journal of Sport Psychology in Action*, v. 12, n. 1, p. 1711–1733, 2021.

SHELLER, Mimi; URRY, John. The New Mobilities Paradigm. *Environment and Planning A: Economy and Space*, v. 38, n. 2, p. 207-226, 2006.

STANDING, Gay. *The precariat: The new dangerous class*. London: Bloomsbury Academic, 2011.

WALLERSTEIN, Immanuel. *World-Systems Analysis: An introduction*. Durham: Duke University Press, 2004.